

PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES: revisão bibliográfica

DOI: 10.48140/digitaleditora.2020.001.21

21

RESUMO

Objetivos: O estudo objetiva investigar a prática da automedicação entre indivíduos de diferentes graus de instrução, por meio de uma análise comparativa, cuja intenção é verificar se o domínio de um maior conhecimento interfere de alguma forma nos fatores que condicionam à prática da automedicação entre eles, destacando os fatores e as consequências da prática da automedicação entre os estudantes.

Métodos: A metodologia pautou-se em uma revisão bibliográfica, do tipo integrativa, descritiva, qualitativa, exploratória e dissertativa, utilizando-se as bases de dados da LILACS, MEDLINE e PUBMED, publicados nos últimos cinco anos.

Resultados: Os resultados apontaram que, dentre os anos de publicação dos artigos, o ano de 2019 teve a maior prevalência com 45%, seguido do ano de 2015, com 28%; a fonte LILACS foi a que mais disponibilizou estudos sobre o tema estudado com 45%; e quanto aos periódicos, todos apresentaram igual número de artigos publicados, contabilizando 9% cada, sendo que somando contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

Conclusão: Logo, a automedicação em estudantes fundamentada em autoconhecimento ou indicativa de terceiros emerge como prática muito perigosa devido aos inúmeros riscos que esta pode acarretar ao indivíduo e, ainda por cima, contribuir para camuflar possíveis patologias.

Palavras-chave: Automedicação. Prática. Estudantes.

Francivania de Jesus Silva

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Farmácia, AESPI Teresina – Piauí

 <https://orcid.org/0000-0001-7766-8885>

Nyrlane Wanderley de Carvalho

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Farmácia, AESPI Teresina – Piauí

 <https://orcid.org/0000-0001-5883-7485>

Francisco das Chagas Araújo

Sousa

Médico Veterinário, Doutor em Ciência Animal e Professor Adjunto da AESPI – Ensino Superior do Piauí Teresina – Piauí

 <https://orcid.org/0000-0001-7244-9729>

PALAVRAS-CHAVES: Automedicação. Prática. Estudantes.

PRACTICE OF SELF-MEDICATION AMONG STUDENTS: bibliographic review

DOI: 10.48140/digitaeditora.2020.001.21

21

ABSTRACT

Objectives: The study aims to investigate the practice of self-medication among individuals of different degrees of education, through a comparative analysis, whose intention is to verify whether the domain of greater knowledge interferes in any way in the factors that condition the practice of self-medication among them, highlighting the factors and consequences of self-medication among students.

Methods: The methodology was based on a bibliographic review, of an integrative, descriptive, qualitative, exploratory and dissertative type, using the databases of LILACS, MEDLINE and PUBMED, published in the last five years.

Results: The results showed that, among the years of publication of the articles, the year 2019 had the highest prevalence with 45%, followed by the year 2015, with 28%; the LILACS source was the one that most provided studies on the topic studied with 45%; and as for the journals, all presented an equal number of published articles, accounting for 9% each, adding that they contributed to the development of the work.

Conclusion: Therefore, self-medication in students based on self-knowledge or indicative of third parties emerges as a very dangerous practice due to the innumerable risks that this can bring to the individual and, on top of that, contribute to conceal possible pathologies.

Recebido em: 30/11/2020
Aprovado em: 10/12/2020
Conflito de Interesse: não
Suporte Financeiro: não houve

KEYWORD: Self-medication. Practice. Students.



INTRODUÇÃO

É cada vez maior o número de pessoas que fazem uso de medicamentos para tratar ou aliviar os mais diversos sintomas ou problemas de saúde. A esta prática dá-se o nome de automedicação, que consiste no consumo de produtos medicinais sem a devida prescrição ou orientação médica. Fenômeno este observado não apenas no Brasil, mais em vários países do mundo (CHAVES; LAMOUNIER; CÉSAR, 2009).

Segundo Rosse et al. (2011), a automedicação causa efeitos colaterais muitas vezes mais graves que a própria doença original, ao mascarar doenças evolutivas e causar atrasos em diagnósticos e tratamento médico adequado.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), a automedicação ocupa um importante lugar no sistema de cuidados da saúde, objeto de estudos e pesquisas é vista como motivo de preocupação pelos profissionais da área, visto que é cada vez maior o número de pessoas que se automedicam. Além disso, esta prática traz sérias consequências à saúde.

Em alguns países, onde o sistema de saúde encontra-se desestruturado, é comum recorrer à farmácia para solucionar um problema de saúde, deixando a ida ao médico como segunda opção; logo, grande parte dos fármacos são comercializados sem a receita médica (OLIVEIRA; PELÓGIA, 2011).

Os motivos que levam a automedicação são múltiplos: fácil acesso aos medicamentos sem prescrição médica, compartilhamento no meio social, descumprimento da orientação do profissional, desvios de receitas, entre outras formas. Além de vários outros fatores que contribuem para o aumento dessa prática, principalmente os fatores políticos, econômicos e culturais, gerando assim um livre acesso para os leigos aos fármacos (FONSECA et al., 2010).

A automedicação não é uma prática exclusiva dos leigos. Entre os profissionais da saúde, em especial médicos e enfermeiros, esse hábito é muito difundido, por terem acesso livre a certas drogas. Os mesmos possuem total conhecimento dos agravos e os ignoram por se sentirem seguros em se automedicar (SANTOS et al., 2013).

Essa prática vem sendo uma prática bastante disseminada no Brasil e em outros países do mundo. A mesma vem sendo aplicada de forma irregular sem nenhuma indicação de um profissional, acarretando assim em sérios problemas a saúde, podendo haver consequências indesejáveis. Apesar

deste hábito ser inevitável, principalmente nos países em subdesenvolvimento, o ideal seria, que os medicamentos só fossem utilizados em casos indispensáveis e sempre por uma recomendação de um profissional (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010; BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Diante do exposto, compreende-se que a automedicação é uma forma perigosa de cuidar de si próprio. Logo, essa prática se propaga para as mais diversas populações, fazendo parte do cotidiano de estudantes e de profissionais da área da saúde. Onde os mesmos, teriam como obrigação a realização de educação e saúde aos leigos, afim de minimizar a automedicação (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Contudo, o estudo faz-se necessário, para que os estudantes compreendam que a automedicação realizada de forma irregular, pode gerar sérios riscos à saúde levando até mesmo ao óbito. Desta forma, com a conscientização pode-se levar a uma diminuição na taxa de pessoas que se automedicam.

Em virtude do exposto, este trabalho propõe-se a investigar a prática da automedicação entre indivíduos de diferentes graus de instrução, por meio de uma análise comparativa, cuja intenção é verificar se o domínio de um maior conhecimento interfere de alguma forma nos fatores que condicionam à prática da automedicação entre eles, destacando os fatores e as consequências da prática da automedicação entre os estudantes.

METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma revisão bibliográfica, do tipo integrativa, descritiva, qualitativa, exploratória e dissertativa que, segundo Gil (2010) é desenvolvida a partir de materiais elaborados por livros, revistas, publicações avulsas e impressão escrita, tendo como finalidade colocar o pesquisador em contato com aquilo que já foi elaborado sobre determinado assunto, permitindo aperfeiçoar o conhecimento, desenvolver e organizar idéias novas acerca de determinada área epistemológica.

Seguindo a metodologia de elaboração de uma revisão de literatura, foram asseguradas as fases que a constituem: definição dos objetivos; definição dos critérios para a seleção da amostra; coleta de dados; e, definição dos resultados (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; BEZERRA; SILVA; RAMOS, 2012).

Foram utilizados como fonte para a obtenção os artigos que atingiram os objetivos propostos no estudo, enfocando a prática da automedicação entre estudantes, que estão nas bases de dados da literatura internacional da área médica e biomédica (MEDLINE) e Publicações médicas (PUBMED), utilizando-se como palavras-chaves os termos: prática, automedicação e estudantes, em língua portuguesa. As buscas foram realizadas com o auxílio do operador booleano and nas bases de dados.

Os critérios de inclusão foram artigos nacionais, publicados nas bases de dados (MEDLINE) e (PUBMED), publicados nos últimos cinco anos. E como critério de exclusão artigos repetidos nas bases de dados e que não respondessem à questão norteadora.

RESULTADOS

A Tabela 01 mostra que dentre os anos de publicação dos artigos, o ano de 2019 teve a maior prevalência com 45%, seguido do ano de 2015, com 28%. Observa-se que os anos de 2016 a 2018 apresentam quantidades iguais de artigos publicados no ano (9%). Comparado ao resultado apresentado, o ano de 2020 não teve número de artigos publicados.

TABELA 01. Distribuição dos estudos incluídos na amostra, referentes ao ano de publicação.

ANO DA PUBLICAÇÃO	NÚMERO ABSOLUTO	%
2015	03	28%
2016	01	9%
2017	01	9%
2018	01	9%
2019	05	45%
2020	00	0%
TOTAL	11	100%

Fonte: Pesquisa realizada em bases de dados.

Observa-se na Tabela 02 que a fonte *online* MEDLINE apresentou 18% da amostra, sendo a que menos disponibilizou estudos sobre a temática proposta, seguido da fonte online PubMed com 37% da amostra. Já a fonte online LILACS foi a que mais disponibilizou estudos sobre o tema estudado com 45%.

TABELA 02. Distribuição dos estudos incluídos na amostra, referentes ao ano de publicação.

FONTE ONLINE	NÚMERO ABSOLUTO	%
LILACS	05	45%
MEDLINE	02	18%
PubMed	04	37%
TOTAL	11	100%

Fonte: Pesquisa realizada em bases de dados.

Quanto aos periódicos, na Tabela 03 observa-se que todos os periódicos apresentaram igual número de artigos publicados, contabilizando 9% cada, sendo que somando contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

TABELA 03. Distribuição dos estudos incluídos na amostra, referentes ao nome do periódico.

NOME DO PERIÓDICO	NÚMERO ABSOLUTO	%
Revista Saúde Pública	01	9%
Saúde debate	01	9%
J Health Biol Sci online	01	9%
Rev Enferm UFPE online	01	9%
Rev Pesq. Cuid. Fundam online	01	9%
Espaço Saúde	01	9%
Cogitare Enferm	01	9%
Rev Med SP	01	9%
Saúde e Pesquisa	01	9%
Rev Gaucha Enferm	01	9%
Rev AMRIGS	01	10%
TOTAL	11	100%

Fonte: Pesquisa realizada em bases de dados.

O Quadro 01 diz respeito aos autores das bases teóricas utilizados na pesquisa, de forma que se evidenciou que todos trataram-se de artigos científicos; o autor do artigo, bem como o tipo de estudo, o objetivo e os resultados referente a cada publicação utilizada na construção da pesquisa.

QUADRO 01. Distribuição dos autores, tipo de estudo, objetivos e resultados.

Autor	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
Domingues <i>et al</i> (2015)	Revisão sistemática	Avaliar a prevalência da automedicação na população adulta do Brasil.	A prevalência da automedicação nos três estudos de alta qualidade metodológica com período recordatório de 15 dias foi 35,0% na população adulta brasileira.
Pinto; Osorio (2015)	Estudo descritivo, de desenho transversal.	Caracterizar a gestão da Assistência Farmacêutica, frente ao cenário da judicialização, em municípios de Mato Grosso do Sul.	Foram selecionados seis municípios para caracterizar a gestão da Assistência Farmacêutica através de entrevistas em profundidade com gestores. Foram identificadas deficiências graves nas atividades da Assistência Farmacêutica, possivelmente consolidando os problemas advindos dos pleitos judiciais, contrariando o que era esperado.

Silva <i>et al</i> (2015)	Estudo trans-versal	Identificar a prevalência da prática da automedicação e o perfil de consumo de medicamentos entre acadêmicos dos cursos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina.	Os medicamentos identificados foram classificados segundo a Anatomical Therapeutic Chemical Classification da Organização Mundial de Saúde. Dos 571 acadêmicos avaliados, a idade média foi de 21,1±3,2 anos, predomínio do sexo feminino (74,6%) e com acesso a plano de saúde (64,1%). 88,3% relataram a prática da automedicação, e 72,0% utilizaram medicamentos nos 15 dias anteriores à realização da pesquisa. A classe dos analgésicos e antipiréticos com ação no sistema nervoso (N02A) foi a mais relatada (92,9%), e o princípio ativo mais mencionado a dipirona/dipirona e associações (55,9%).
Pigler <i>et al</i> (2016)	Estudo trans-versal descritivo	Caracterizar a automedicação entre os acadêmicos.	A pesquisa aponta para uma altíssima taxa de automedicação entre esses acadêmicos (90%). A prática foi mais comum entre as mulheres e sua frequência aumentou conforme o acadêmico estivesse mais avançado no curso.
Gama; Se- coli (2017)	Estudo trans-versal	Determinar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de enfermagem	A prevalência de automedicação foi de 76,0%, motivada especialmente pela percepção de que o problema de saúde não requeria visita ao médico (46,6%). Metade dos estudantes relataram queixas algícas. Os grupos farmacológicos mais consumidos foram anti-inflamatórios não esteroides (63,2%) e antibióticos (11,1%). O desconhecimento das implicações negativas da prática da automedicação foi associado à automedicação.
Oliveira <i>et al</i> (2018)	Revisão sistemática da literatura	Problematiza-se a incidência da automedicação entre universitários da área da saúde.	O método quantitativo foi aplicado em 90,9% das pesquisas com amostragem superior a 282 participantes. É preocupante a incidência de automedicação psicotrópica entre universitários.
Tognoli <i>et al</i> (2019)	Estudo trans-versal	Buscou-se investigar a automedicação por acadêmicos de curso de graduação em Medicina de instituição privada e analisar possíveis variáveis relacionadas.	A automedicação foi considerada uma opção em 309 dos participantes, a maioria deles do sexo feminino, idade entre 21 a 23 anos, solteiros, sem curso superior prévio, com convênio médico e conscientes de eventuais riscos à Saúde, mesmo após acesso a bulas ou a pesquisas on-line. O quadro clínico precedente à automedicação incluiu, principalmente, cefaleia e mialgia. Houve preferência por fármacos anteriormente utilizados com consumo médio, principalmente de analgésicos e anti-inflamatórios. Estar mais próximo ao término do curso e possuir convênio médico se relacionaram com automedicação.

Alves <i>et al</i> (2019)	Estudo quantitativo, exploratório e descritivo.	Verificar a ocorrência da prática de automedicação entre acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem.	99,0% dos investigados afirmaram praticar a automedicação, enquanto apenas 1,0% referiu nunca ter feito uso de medicamentos sem a prescrição de profissionais habilitados legalmente.
Carvalho <i>et al</i> (2019)	Estudo descritivo e transversal	Analisar a prática de automedicação por adolescentes da rede estadual de ensino de Picos-PI.	A faixa etária mais prevalente (94) foi de 17 anos (44,9%); 122 (58,4%) do sexo feminino; 129 moravam com a família (61,7%); 179 na zona urbana (85,7%); e 149 católicos (71,2%). 209 (100%) praticam a automedicação, sendo a febre (120) o principal sintoma (57,4%), e o comprimido (168) a forma farmacêutica mais consumida (57,4%). A principal motivação para automedicação foi a facilidade de conseguir medicamentos fora dos estabelecimentos de saúde (103) e 141 concordam que propagandas influenciam esse comportamento.
Santos; Andrade; Bohomol (2019)	Estudo transversal descritivo	Conhecer a prevalência, classes medicamentosas e principais motivos para a prática da automedicação entre os estudantes de ensino médio.	As estudantes apresentaram idade entre 14 e 20 anos, 91 (70%) eram do sexo feminino e 112 (86,2%) praticaram a automedicação. Destes, 75 (67%) utilizaram para alívio de dores, 18 (16,1%) referiram ter tido reações adversas e a classe medicamentosa predominante foi a dos analgésicos com 147 (59,2%) menções. O fácil acesso do produto nas farmácias foi o principal motivo apontado por 49 (43,7%) participantes.
Carneiro <i>et al</i> (2019)	Estudo transversal	Avaliar a prevalência de cefaleia primária nos estudantes de medicina (EM) em períodos de provas e relacionar com fatores psicossociais.	98% dos EM relataram já ter sentido cefaleia. A prevalência de CTT e enxaqueca encontradas foi de 61,9% e 18,1%, respectivamente, dados maiores que a média para a população geral. Estudantes com enxaqueca têm mais crises antes de provas, se automedicam mais, ingerem mais psicoestimulantes, são mais ansiosos, mais depressivos, mais sedentários, mais estressados e dormem menos que aqueles com CTT.

Fonte: Pesquisa realizada em bases de dados.

DISCUSSÃO

Os dados demonstraram que a automedicação é desempenhada por cerca de um terço da população adulta, com significativas distinções prevalências temporais (DOMINGUES *et al.*, 2015).

Pilger *et al* (2016) destaca que a alta taxa de automedicação entre estudantes evidenciada corrobora para a exigências de se efetivar mudança do ensino médico, haja vista que, inexistente uma conscientização por parte desses indivíduos para que, posteriormente possam intervir junto aos seus pacientes de maneira crítica quanto ao uso racional e responsável das medicações.

Gama e Secoli (2017) descreve a automedicação como relevante problema entre estudantes, ocasionados pela significativa prevalência, juntamente a ausência de conhecimento dos riscos advindos dessa prática; desencadeando a necessária racionalização dos medicamentos por meio da indicativa

de estratégias inclusivas do tema no cronograma formativo trazendo à tona uma efetiva e responsável gestão de medicamentos junto aos pacientes garantindo-lhes segurança em sua utilização.

Oliveira *et al* (2018) trata a automedicação em acadêmicos da área da saúde; segundo suas fragilidades, demonstrando a necessidade de se melhorar os serviços de atenção à saúde mental no Brasil, bem como o investimento em ações conscientizadoras, preventivas e interventivas que alcancem toda a população e não apenas a universitária.

Do mesmo modo, Silva *et al* (2015) pontua que entre os estudantes de nível superior, a causa essencial de automedicação corresponde ao fato de não reconhecer na sintomatologia motivo que requer uma investigação médica, onde se destaca cefaleia como a mais prevalente; tornando-se essencial uma abordagem crítica sobre a racionalização da automedicação visando um acompanhamento profissional no intuito de promover esse condicionamento.

Segundo entendimento de Pinto e Osório (2015), verifica-se que a incipiente gestão da assistência farmacêutica colabora para a má disponibilização de medicamentos para a população, e, por conseguinte, para a automedicação indevida.

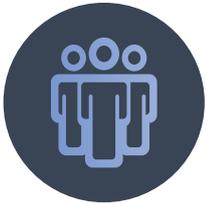
Observou-se que, especificamente na graduação em Medicina, a automedicação é frequentemente praticada entre os estudantes, realçando-se devido a convênio médico e uma maior tendência a essa prática ao avançar do período de formação; sendo que, torna-se essencial a implementação de proposta pedagógica educativa sobre automedicação em grade curricular no sentido de reduzir esse ato e capacitar profissionais cada vez mais qualificados (TOGNOLI *et al.*, 2019).

Consoante Carneiro *et al* (2019), emerge a necessidade de se refletir sobre os elevados índices de automedicação entre os estudantes de Medicina, haja vista a necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas com o intuito de implantar estratégias para melhoria da qualidade de vida nesta população.

Enquanto isso, Alves *et al* (2019), a automedicação entre os estudantes de Enfermagem apresenta-se com um elevado índice, apesar de reconhecerem a iminência dos riscos desta prática; contrariando a perspectiva criada de que, por se tratar de profissionais da saúde, esse resultado seria menor e mais racional; ficando detectado que, esse uso indevido deve-se exatamente por deterem certo conhecimento sobre medicamentação, habilitando-os a utilizar-se de forma inadequada, assentada no fato de partir de uma orientação própria, além prescrições anteriormente bem sucedidas.

Carvalho *et al* (2019) afirma em seu estudo que, o perfil desta pesquisa em relação à automedicação não destoia das demais investigações realizadas no cenário brasileiro, onde medidas educativas e intervencionais possam ser realizadas a curto, médio e longo prazo, a partir de uma linguagem facilmente atrativa e compreensível para esses adolescentes, de modo que a alta prevalência diminua e os riscos possam ser minimizados, sendo que, a automedicação caracteriza-se pelo uso de medicamentos sem prescrição.

Dessa maneira, Santos *et al* (2019) pontuam sobre a relevância de uma orientação e intervenção profissional – sendo ela, médica, de enfermagem ou farmacêutica, abordando conhecimentos sobre medicamentos, seus benefícios e malefícios, incluindo os que apresentam prescrição e os que não tem indicativo médico, estimulando o consumo consciente na população. Tal uso justifica-se pela facilidade de acesso do produto nas farmácias e a tentativa de alívio rápido e imediato da sintomatologia.



CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que, independente do grau de formação, os estudantes apresentam elevada prevalência na automedicação, em decorrência da acessibilidade, baixo custo e ausência da obrigatoriedade de apresentação de prescrição médica, abrangendo especialmente analgésicos, antiespasmódicos e relaxantes musculares, entre outros.

Vale ressaltar, entretanto, que a automedicação em estudantes fundamentada em autoconhecimento ou indicativa de terceiros emerge como prática muito perigosa devido aos inúmeros riscos que esta pode acarretar ao indivíduo e, ainda por cima, contribuir para camuflar possíveis patologias.

Com isso, conclui-se que, diante dessa problemática emerge a necessidade de se buscar melhoria nos investimentos em saúde desenvolvidas por meio de uma efetiva atuação dos órgãos responsáveis por conscientizar, prevenir e intervir junto a população como um todo sobre a importância da medicamentação responsável.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Damião Romero Firmino; et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. Rev. enferm. UFPE on line; 13(2): 363-370, fev. 2019.
- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciência Saúde Coletiva, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.
- BAGGIO, M.A.; FORMAGGIO F.M. Automedicação: Desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. Rev. enferm.UERJ, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 224-228, 2009.
- BEZERRA, F. N., SILVA, T. M.; RAMOS, V. P. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão integrativa da literatura. Acta Paulista de Enfermagem, v.25(2 esp.), p.151-156, 2012.
- CARNEIRO, Anderson Ferreira; et al. A prevalência de cefaleia e fatores psicossociais associados em estudantes de medicina no Ceará. Rev. med. (São Paulo); v.98, n.3, p.168-179, maio-jun. 2019
- CARVALHO, Maria Risonete de; et al. Automedicação em adolescentes da rede estadual de ensino na cidade de Picos/Piauí. Rev. pesqui. cuid. fundam.(Online) ; 11(1): 59-66, jan.-mar. 2019
- CHAVES, Roberto G.; LAMOUNIER, Joel A.; CESAR, Cibele C.. Automedicação em nutrízes e sua influência sobre a duração do aleitamento materno. J. Pediatr, Porto Alegre, v.85, n.2, p.129-134, Apr.2009.
- DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalence of self medication in the adult population of Brazil: a systematic review. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.49, n. 36, 2015. Acessado: em 20 de março, 2020.
- FONSECA, Filipe Isper. et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. Diagn. tratamento, v.15, n.2, abr.-jun.2010.
- GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. Rev Gaucha Enferm; v.38, n.1, e.65111, 2017, May 18.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.
- OLIVEIRA, A. L. M.; PELÓGIA, N. C. C. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. Rev. Dor, São Paulo, v.12, n. 2 Abr./Jun., 2011.
- OLIVEIRA, Maristela Maximovitz de; et al. Automedicação de psicotrópicos em acadêmicos da área da saúde: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017. Saúde e pesqui. (Impr.); v.11, n.3, p.623-630, Set-Dez 2018.
- PILGER, Maurício Castro; DOMBROWSKI, Gabriela; REBELO, Matheus; TOMASI, Elaine. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. Rev. AMRIGS; v.60, n.1, p.26-31, jan.-mar.2016.
- PINTO, Cláudia Du Bocage Santos; OSORIO-DE-CASTRO, Claudia Garcia Serpa. Gestão da Assistência Farmacêutica e demandas judiciais em pequenos municípios brasileiros: um estudo em Mato Grosso do Sul. Saúde debate, Rio de Janeiro , v. 39, n. spe, p. 171-183, Dec. 2015 .
- ROSSE, Wanderson Junio Duele et al.Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da

Univiçosa, Viçosa, MG. Rev. Bras. Farm., v.92, n.3, p.186-190, 2011.

SANTOS, L.;TORRIANI, M. S.; BARROS, E. Medicamentos na Prática da Farmácia Clínica. São Paulo: Artmed, 2013.

SANTOS, Eduardo Solano Pina dos; ANDRADE, Camilla Moreira; BOHOMOL, Elena. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. Cogitare enferm; v.24, e61324, 2019.

SILVA, Lais Brevi da; et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. Espaç. saúde (Online); v.16, n.2, p.27-36, abr-jun. 2015.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), São Paulo, v.8, n.1, p.102-106, Mar. 2010 .

TOGNOLI, Thais do Amaral; et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. J. Health Biol. Sci. (Online); 7(4): 382-386, 30/09/2019.